



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

## **CONFLITO: UM DESVIO NECESSÁRIO À ARTE COLABORATIVA**

Ricardo Macêdo<sup>1</sup>  
Fundação de Arte de Ouro Preto - FAOP

Em 2004 na cidade de Maués (AM), o coletivo artístico *Superflex* efetivou uma proposição colaborativa intitulada *Guaraná Power*, realizada após troca de informações, oficinas e convívio com os moradores locais. Como resultado, uma fábrica artesanal de refrigerantes foi criada. Os registros em fotografia e vídeo, garantem acesso às etapas do processo (reuniões, *workshops* e criação da logomarca do refrigerante), contudo, podemos nos perguntar, onde estão os modos de agenciamento dos participantes<sup>i</sup>, de apaziguamento ou não das diferenças socioculturais? Os conflitos e formas de amenização, aceitação ou negação deles, não nos foram apresentadas nos inúmeros registros e isso se estende a outras proposições na atualidade. Há uma ausência de informações visuais e teóricas dessas situações que, em se tratando de proposições artísticas que lidam com convívio e vivência, podem ser vistas como partes dos trabalhos. Tais situações de conflito, por vezes, são escamoteadas e não são discutidas, pelo fato de os conflitos serem encarados como negativos e contrários a ideologia dos grupos ou a noção esperançosa de unidade<sup>ii</sup>. Portanto é necessário que nos perguntemos: qual a importância de se compreender os modos de agenciamento das proposições colaborativas e a natureza dos conflitos em seu interior? É interessante que nos perguntemos sobre o funcionamento da *organização* e da *estrutura*<sup>iii</sup> implícitas nestas proposições; sobre os dispositivos de agenciamento utilizados como suportes, tanto para mediar como para invisibilizar conflitos; e principalmente, o contributo deles tanto para as proposições artísticas quanto para as comunidades.

Nesse sentido, é imprescindível compreender a tipologia dos conflitos (DEUTSCH, 2004), para entender seus aspectos positivos (SIMMEL, 1983), por meio da observação participação (BECKER e WHYTE, 2016) em proposições colaborativas artísticas, por meio da vivência para posterior análise comparativa, que nos dê condições de problematizar, junto a uma bibliografia específica da Arte Colaborativa, da Sociologia do conflito e da Sociologia do desvio, tais situações. Para assim determinar quais modos relacionais (estratégias, táticas, consenso, dissenso, etc) são utilizados nessas proposições artísticas que, não ganham visibilidade nas discussões em críticas de arte.

---

<sup>1</sup> . Professor e artista visual, doutorando em Interartes no Programa de Pós Graduação da Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG.



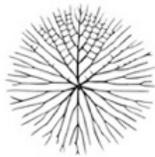
**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

Junto a isso, em um primeiro momento, por meio da observação participação, constituiu-se um paralelo entre as estruturas sociais e as injunções sociais conviviais dentro das proposições artísticas, a partir de alguns referenciais, como o pensamento complexo do sociólogo francês Edgar Morin, para “abandonar as soluções que remediavam as antigas crises e elaborar novas soluções” (MORIN, p.82, 2005), o sociólogo alemão Georges Simmel, onde podemos ver “o conflito como força integradora do grupo.” (SIMMEL, p.126, 1983), o psicólogo social Morton Deutsch e seu estudo da tipologia do conflito e os teóricos das artes colaborativas, o estadunidense Grant Kester e o argentino Reinaldo Laddaga. Junto a isso, entrevistas estão sendo efetivadas com artistas e grupos para respaldar o aporte teórico e vivencial.

A partir desse panorama, podemos dizer que há um desconhecimento da esfera das relações em termos de práticas *interpessoais*, *intrapessoais*, *intercoletivas* e *intra-coletivas*, que levam muitos a descrever e teorizar, mais do que vivenciar as relações em grupos, sejam elas de consenso ou dissenso, cria-se então, discursos sobre um mundo e não desde um mundo.<sup>iv</sup> Tendo essa questão por base, algumas considerações foram/estão sendo efetivadas, tais como: há uma dificuldade em lidar com aqueles que desobedecem normativas sociais dentro do sistema da arte e subsistemas da arte; há um comportamento passivo, de anomia, de evitamento de conflitos, de não enfrentamento do estabelecido, frente as normativas dos sistemas, descambando em uma “servidão voluntária” (BOÉTIE, 1549) nociva, por vezes; o que nos leva a outros questionamentos: o que sustenta o receio de desequilíbrio nas relações dentro das proposições artísticas colaborativas? O que reforça a obediência às normativas, acordos e contratos sociais dentro do sistema da arte e como resultado disso, nos trabalhos colaborativos?

Essa pesquisa de doutorado em andamento, vem apontando algumas questões pertinentes: existiram mudanças na História da Arte a partir de situações de conflito, mudanças paradigmáticas que afetaram positivamente grupos, comunidades e sociedades; cheguei preliminarmente a ideia de que os paradigmas relacionais/colaborativos e as Artes Visuais, sofreram/sofrem mudanças quando impulsionados pela esfera conflitual, tensionada pelo dissenso. Primeiramente, na *organização* dos grupos e depois em sua *estrutura* (MATURANA, 1996); observei também que a tipologia dos conflitos (DEUTSCH, 1973), permite não só entender a natureza dos conflitos, mas também oferta transparência as situações, dentro das microrrelações nas proposições colaborativas e nos subsistemas da arte; e por fim, a compreensão da *estrutura* e da *organização*, específicas de um grupo em seus modos de agenciamento, possibilita entender as estratégias de manutenção (como proteção) e os porquês da negação de conflitos em seu interior (em sua estrutura); logo, o uso de capital social (DINIZ e DAG, 2008) se faz necessário, assim como os níveis de *proxemia* (HALL, 2005) entre os indivíduos, pois geram intensificações capazes de modificar realidades grupais e podem ser compreendidos como dispositivos.



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

**Palavras-Chave:** arte coletiva; social; dissenso.

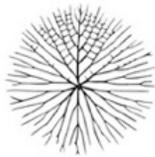
## **Referências Bibliográficas**

- BECKER, Howard. **Outsiders: estudos da sociologia do desvio** / Howard Becker. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2008.
- Comitê Invisível. **Motim e destituição agora**. Editora N-1, São Paulo, 2018.
- DEUTSCH, Morton. **The resolution of conflict: constructive and destructive process**. New Haven and London. Yale University Press. 1973.
- DINIZ, Clarissa. **Crachá- aspectos de legitimação artística**. Fundação Joaquim Nabuco, São Paulo: 2008.
- ÉTIENE, De La Boétie. **Discurso sobre a servidão voluntária**. L.C.C Publicações Eletrônicas, 2006.
- HALL. Edward T. **The Hidden dimension**. Publicações Garden City. Nova York, Dumbleday, 1990.
- KESTER, Grant H. **The One and The Many: Contemporary Collaborative Art in a Global Context**. Duke University Press: London, 2011.
- LADDAGA, Reinaldo. **Estética da emergência: a formação de outra cultura nas artes** / Reinaldo Laddaga; tradução Magda Lopes. - São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2012.
- MATURANA, Humberto. **Cognição ciência e vida cotidiana**. Humberto Maturana; organização e tradução Cristina Magro, Víctor Paredes. - Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001, 203p. - (Humanitas)
- MATURANA, Humberto. **A ontologia da realidade**. Editora UFMG, Minas Gerais, 2001.
- MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução do francês: Eliane Lisboa - Porto Alegre: Ed. Sulina, 2005. 120 p.
- SIMMEL, George. **A natureza sociológica do conflito**, in Moraes Filho, Evaristo (org). Simmel, São Paulo, Ática: 1983.
- WHYTE, William Foote. **Sociedade da esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada** / William Foote Whyte. Tradução Maria Lucia de Oliveira. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005.

i

Segundo os integrantes do *Superflex*, essas participações se deram através de reuniões e *workshops*, que ocorriam por meio de uma estratégia, chamada de *TOOLS*. Eu as entendo como dispositivos, que possibilitam convívio.

ii □ O sociólogo francês Georges Simmel nos diz que, por vezes, negamos o conflito por acreditar que a humanidade deve viver sem perder a *unidade* e o conflito para muitas pessoas seria a negação dessa unidade, “aquilo que a primeira vista parece dissociação, é, na verdade, uma de suas formas elementares de socialização.” (SIMMEL, p.07, 1983). Para outros pensadores mais radicais, como os do Comitê Invisível, a ideia de unidade está associada a ilusão “Certo é que a ilusão da unidade não consegue mais *iludir*, alinhar, disciplinar.” (COMITÊ INVISÍVEL, p. 25, 2017)



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

iii      □ Utilizei os conceitos de estrutura e organização a partir das ideias do biólogo chileno Humberto Maturana, ele nos diz: conhecemos uma mesa por conta de sua *organização*, ela tem um tampo, quatro pernas, isso nos faz reconhecer o objeto mesa e não uma cadeira, por outro lado, não conhecemos sua *estrutura*, ou seja, de que material é feita a mesa, quantos parafusos, quantas porcas, etc. Para se conhecer algo é necessário conhecer a estrutura desse algo, mais as relações entre os seus *componentes* (MATURANA, p.76, 2001).

iv      □ Os franceses do Comitê Invisível nos convidam a adentrar o mundo e vivenciá-lo, não por meio de formulações discursivas, mas da intensificação dos processos que constituem as relações nos grupos e nas manifestações desses entre si, não negando portanto o conflito, mas aceitando-o como parte das relações travadas.